



Benjamim Jacob

Ao lado de Israel Pinheiro, uma grande lição

Arquivo Público



UMA DAS FUNÇÕES DE BENJAMIM ERA CUIDAR DA CERÂMICA DA NOVACAP, QUE FORNECIA OS TIJOLOS PARA AS OBRAS DA CIDADE

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Se participar da construção de Brasília era um privilégio para muitos pioneiros, imagine trabalhar e conviver com um dos grandes idealizadores da nova capital. O trabalho de Benjamim Jacob na cidade no início da década de 60 foi mais que especial. Foi a convite do sogro e presidente da Companhia Urbanizadora de Brasília — Novacap, Israel Pinheiro, que o pioneiro veio parar na cidade. “Eu trabalhava na Casa Arthur Haas, em Belo Horizonte, e tive alguns problemas na firma, quando ele me convidou para vir trabalhar aqui”, lembra o mineiro de coração. Na futura capital, ele ocupou cargo importante, como chefe do Departamento Industrial na Velhacap. Cabia a Benjamim administrar as pequenas indústrias da região. Uma cerâmica que, naquela época, fabricava os tijolos das primeiras construções, uma serraria, a carpintaria, as fábricas de ração, de doces, conservas e de lingüiça, além de uma máquina de beneficiamento de arroz.

Casado com a filha de Israel Pinheiro — Maria Elisa Pinheiro — e já pai do pequeno Breno, ele não pensou duas vezes e fez logo as malas. A viagem para o Planalto poderia ser tranqüila, não fosse o susto logo na chegada com o bimotor que trazia a família. Israel Pinheiro havia perdido

à tripulação, que seguia para o Rio de Janeiro, que na volta passasse na capital mineira para pegar Benjamim, a esposa, o filho Breno e a empregada da família.

Na volta, já nas proximidades de Brasília, o comandante fez um contato pelo rádio com Israel Pinheiro perguntando se queria que pousasse no aeroporto ou na pista da granja do Ipê. “O dr. Israel não sabia que haviam trocado de tripulação no Rio de Janeiro e disse que poderia pousar lá mesmo na granja do Ipê, que ele já conhecia e tudo mais”, lembra. Conta Benjamim que o piloto não conhecia a pista e por isso fez uma barberagem. “A pista não deu e ele ia bater nas pedras. Então o piloto deu um cavalo-de-pau e bateu com uma das asas no caminhão que esperava nossas bagagens. Graças a Deus correu tudo bem e só tive um galo na cabeça”, conta aliviado. “Dr. Israel viajava muito naquele avião”, acrescenta. A pista na granja do Ipê foi

improvisada para o presidente da Novacap e para Juscelino, que sempre vinha para Brasília. Sério e durão, Israel já foi logo dando as suas boas-vindas. “Eu achei que ele ia passar a mão na minha cabeça, mas não. Ele disse: ‘O judeu, você já chega quebrando meu avião...’ Essa foi a nossa chegada”, conta.

A residência no Ipê

Quando chegaram, a cidade era um imenso vazio e o pouco que havia dava para contar nos dedos. “Aqui tinha o aeroporto velho de madeira, mas só a pista estava concluída, não tinha nada. Aliás, a cidade se resumia a alguns acampamentos de madeira e as casas da W3 Sul”. No dia seguinte à sua chegada, o carioca levantou cedo, a exemplo do sogro, e foi para a Novacap. “Com Israel Pinheiro não tinha história não. Ele dormia cedo, mas levantava cinco horas da manhã. Ele batia na porta e ia logo entrando e dizendo: ‘me dá

uma gilete aí.’” A casa onde a família morou, além de grande, com cinco quartos, cozinha, sala de jantar e banheiro, era uma das primeiras construídas em alvenaria. “Era uma espécie de galpão. Lá, o dr. Israel sempre recebia gente importante e gente que não acreditava na construção da capital no centro do país. Ele os levava até lá e os convencia de que Brasília seria inaugurada em 21 de abril de 1960.” Juscelino Kubitschek ficava no Catetinho. “Juscelino sempre chegava às 2 ou 3 horas da manhã em seu Viscount. A gente sabia que era ele por causa do barulho do avião”, lembra Benjamim.

O primeiro dia de trabalho na construção da nova capital ficou na memória do pioneiro. De bota curta, solado de borracha e calça e camisa cáqui, a bordo da caminhonete do presidente da Novacap, ele seguiu para a Candangolândia. “Com o Zé Domingos (motorista de Israel Pinheiro) na direção, o dr. Israel na fren-

te e eu atrás, fomos para o gabinete dele”, lembra. Assim que entramos no escritório, o presidente foi logo dando as ordens. “Faz aí a nomeação do judeu.” Pensando na refeição do dia, o genro já foi logo perguntando a Israel. “A que horas o senhor vai almoçar? Ele virou pra mim e não deu outra. ‘O quê? Eu vou ter que cuidar de menino? Na mesma hora, ele arrumou um jipe velho e colocou à nossa disposição para o trabalho”, diz Benjamim, se referindo ao amigo e colega engenheiro Sílvio Jaguaribe.

Com Israel Pinheiro, o pioneiro tinha que andar na linha. “A gente almoçava e jantava em casa, só que as despesas eram todas bem divididas pela metade entre eu e o dr. Israel. Com ele não tinha conversa fiada não. A gente trabalhava inclusive aos sábados. Não tinha esse negócio de trabalhar até sábado meio-dia”, explica. “Ele estava sempre entretido com alguma coisa. Uma vez, lá no quintal de casa,

Genro de Israel Pinheiro, o pioneiro chegou a Brasília em 1958 para trabalhar na Novacap. Aqui, durante a construção, cuidou das indústrias da cidade

A NUMEROSA
FAMÍLIA FAZ A
ALEGRIA DE
BENJAMIM NA
CAPITAL FEDERAL



ele resolveu construir quatro tanques para a criação de peixes, que depois seriam transportados para o lago. Tinha até tilápia.” Além da piscicultura, conta Benjamim, o sogro era devoto de Dom Bosco, fez uma capelinha no jardim da casa. “Até pés de morango ele plantava.”

O chefe do Departamento Industrial da Novacap sempre descia para a cerâmica, que ficava a uns 15 km de sua casa, e para a serraria. Além de supervisionar todos os serviços, Benjamim também atendia os pedidos dos clientes e dos recém-casados, que encomendavam camas. O gabinete, onde o diretor passava boa parte do tempo, ficava num galpão grande de madeira. Lá, ele dividia o espaço com os colegas Clóvis Josaphat Peixoto — contador-chefe — e José Mário Mazzilli, do Departamento de Patrimônio. Ainda bem que trabalho havia de sobra, porque o lazer na cidade era escasso. “Sem televisão em casa, era uma dureza.” A diversão de Benjamim não passava de um banho na cachoeira, que ficava ao lado da Granja do Ipê, ou um cavalo, com quem ele brincava nos finais de semana.

Mudanças

Com a inauguração de Brasília, o pioneiro e a família tiveram de deixar a residência, que seria reservada para o cardeal de Roma, representante papal enviado especialmente para a cerimônia. Israel Pinheiro e a esposa, Coracy, foram para a fazenda do Torto e Benjamim para a QL 6, no Lago Sul, que pelas contas do novo morador tinha apenas umas quatorze casas. “A gente ia pela estrada de chão, o lago não existia ainda e as ruas não eram

“**COM ISRAEL PINHEIRO NÃO TINHA HISTÓRIA NÃO. ELE DORMIA CEDO, MAS LEVANTAVA CINCO HORAS DA MANHÃ. ELE BATIA NA PORTA E IA LOGO ENTRANDO E DIZENDO: ‘ME DÁ UMA GILETE AÍ’**”

asfaltadas.” O jantar dos Jacob era comprado na padaria Bambina, na W3 Sul. “Eu passava à tarde e comprava alguns pães para o jantar e para o café da manhã do dia seguinte. Depois, com o tempo, uma kombi entregava o pão e o leite na nossa porta. Antes da W3 Sul, tudo era comprado no Núcleo Bandeirante. Lá tinha de tudo”.

Durante a inauguração, Benjamim foi convidado pelo sogro para chefiar também o Departamento de Viação e Obras da Novacap. Com isso, o pioneiro passou a acumular dois cargos. “Depois de cinco meses, eu fui reclamar para o engenheiro (ex-diretor do Departamento de Viação e Obras) Moacir Gomes e Souza. Eu estava trabalhando em dois cargos e recebendo por apenas um. Ele então me mandou falar com o sogro”. Honesto e durão, Israel Pinheiro mais uma vez surpreendeu Benjamim ao afirmar que “genro meu não ganha acumulado”. O presidente da Novacap preferiu demiti-lo a pagar os dois vencimentos.

Outra lembrança dos tempos da construção de Brasília, que

Benjamim não esquece, dá conta do estilo íntegro e da dignidade do presidente da Companhia Urbanizadora. “Havia um amigo meu de uma construtora que estava apertado, precisando de dinheiro. Como Israel era um dos diretores que assinava os cheques, dei um jeito de convencê-lo a fazê-lo o mais rápido porque tinha um mundo de cheques. A gente ficava até de madrugada naquele serviço. Ele assinou, mas com um porém. Nunca mais me peça isso, porque vão achar que estou sendo corrompido.” O estilo correto e o jeito sério de administrar de Israel Pinheiro foram algumas das virtudes que o pioneiro guardou como lembrança do chefe e amigo e como um exemplo a ser seguido.

Além de diretor industrial da Sociedade de Abastecimento de Brasília — SAB, Benjamim também prestou serviços na Divisão Rural da Novacap, onde foi chefe da Divisão Imobiliária. Em meados de 1970, pediu demissão da Novacap para trabalhar como representante comercial.

Raio X

Nome: Benjamim Jacob
Idade: 75 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Funcionário público aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Maria Elisa Pinheiro Jacob
Filhos: Breno, Maria Julieta, Maria Cristina, Maria Amélia e Maria Celina
Netos: Heleninha, André, Camila, Bernardo, Marina e Giovana